

## **Filosofia e identidade: a identidade hispano-americana no discurso histórico-filosófico de Leopoldo Zea**

**Luciano dos Santos (CEFET-GO/ Uned-Inhumas)**

“Todos los hombres son iguales por ser distintos, pero no tan distintos que unos puedan ser más o menos hombres que otros. El que exige respeto a la propia peculiaridad debe estar también dispuesto a respetar la ineludible peculiaridad de los otros, que en este sentido son sus semejantes.”

Leopoldo Zea.

### **Introdução**

Nas últimas décadas, temos visto uma forte onda de movimentos sociais que partem da questão identitária como via preferencial para a reivindicação de seus direitos. Todos esses movimentos sociais das chamadas minorias culturais e étnicas e dos fenômenos globais ressuscitados pela “globalização acelerada” têm feito a problemática das identidades culturais, mais do que nunca, estarem no centro das discussões não só políticas e econômicas como também das ciências da cultura: antropólogos, sociólogos, geógrafos, historiadores, educadores, entre outros cientistas da cultura, vêm buscando compreender como se processa a formação e transformação das identidades.

Contudo, na Hispano-América esse não é um problema novo. Pelo menos desde os processos de independência e formação dos estados nacionais que a identidade dessa América é um dos problemas centrais das reflexões e proposições da sua elite intelectual e dirigente. A partir do século XIX — e, de certo modo, já no XVII — a questão da existência ou não de uma especificidade cultural hispano-

americana, ibero-americana ou latino-americana passou a estar, cada vez mais, em destaque nas discussões de uma variada e divergente gama de intelectuais e políticos. Esse debate, no entanto, não se encerrou no século XIX, pelo contrário, só tendeu a crescer e a agregar novos elementos no século XX.

Nesse sentido, o presente trabalho busca analisar a formação da identidade hispano-americana na produção intelectual do filósofo mexicano Leopoldo Zea (1912-2004). Nossa proposta básica é demonstrar que seu discurso incorporava, eminentemente, uma peculiar proposição identitária, em que se misturavam uma visão universalista e regionalista numa busca de afirmação de uma identidade hispano-americana sem uma completa negação do(s) outro(s) não hispano-americano(s). Nessa proposição, o elemento mestiço e, posteriormente, a idéia de diversidade cultural (ambos compreendidos como fruto de latinidade) tiveram um lugar de destaque. O filósofo mexicano acreditava que foram esses fatores, juntamente com um processo histórico comum, que possibilitaram a construção de uma identidade hispano-americana que, ao mesmo tempo, dava unidade a essa região e a diferenciava da outra América, a América Saxônica.

### **Tempo de crise, tempo de identidade**

Segundo as proposições de Stuart Hall (1997, p. 9) e, principalmente, de Jorge Larraín Ibañez (1996, p. 130), a identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo supostamente fixo e estável vive a experiência das incertezas; logo, a questão da identidade é normalmente afirmada em contextos de crise.

No nosso entendimento, o que abalou Zea em suas certezas quanto à filosofia ocidental e o fez voltar seus olhos para a América Latina foi primeiro a Revolução Mexicana. Essa revolução teve visivelmente sua maior efervescência no

nível social e político. Contudo, ela não se limitou simplesmente a um movimento em armas. Junto a toda luta social e política, travou-se também uma batalha no nível da cultura, que remodelou o pensar no México, fez nascer um nacionalismo-universalista e uma identidade cultural. Isso fez Leopoldo Zea, por influência de vários pensadores mexicanos e espanhóis do seu tempo, criar uma visão filosófica mais voltada para dentro do México, para dentro da América. Nesse momento (1942), ele cria grupos de estudo sobre a Realidade do México. O primeiro grupo de estudos sobre a realidade mexicana foi o *Hiperion*. E depois sua tese de doutorado sobre o Positivismo no México, em 1943. Começava, assim, a surgir o projeto identitário de Zea.

Não obstante a importância da Revolução, esse fator por si só não explica a criação de seu projeto identitário hispano-americano. Na verdade, outros fatores contribuíram para essa formação. O primeiro foi a viagem que Zea realizou pelos Estados Unidos da América e por toda a América Latina; o segundo fator foi sem dúvida a Segunda Guerra Mundial.

Segundo Luiz Roberto Lopez (1987, p. 21), a Segunda Guerra Mundial parecia confirmar a “Decadência do Ocidente” de que falava Oswald Spengler. Parecia se confirmar que o Ocidente deixaria de ser irradiador de cultura para ser dinamizador das barbáries. Ou como diz Eric Hobsbawm (2000, p. 30), “a humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial”.

Em 1942, o pensador mexicano afirmava que a

*América vivía cómodamente a la sombra de la cultura europea. Sin embargo, esta cultura se estremece en nuestros días [...] el hombre americano que tan confiado había vivido se encuentra con que la cultura en la cual se había apoyado le falla, se encuentra con un futuro vacío (ZEA, 1952, p. 166).*

Percebe-se que, para Leopoldo Zea, a queda do paradigma orientador europeu, catalisado pela guerra total — para usar uma expressão de Hobsbawm —

fazia com que o homem americano (incluindo o próprio Zea) se sentisse num vazio, se sentisse em uma crise cultural, numa crise de identidade. Nesse sentido, a queda dos paradigmas eurocêntricos levava a intelectualidade mexicana a pensar, de maneira mais profunda, no próprio ser dessa América, na sua própria identidade.

### **Identidade e alteridade: processo de identificação-diferenciação**

Concentrando as atenções no processo de criação das identidades, ver-se-á que na verdade a identidade cultural se faz indubitavelmente na alteridade. A “alteridade” (ou “outridade”) é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o ser social interage e é interdependente de outros seres sociais. A “outridade” é que dá sentido à identidade, sem o outro não há identidade. Isto é, a identidade cultural não é “auto-referencial” como se pensava, ela é, pelo contrário, relacional. Nasce e se desenvolve na relação com um outro. Só afirmamos quem somos, a que grupo pertencemos (nação, região, sexo etc.), quando existe um não-nós, um outro que não faz parte dos nossos. Logo identidade e diferença são indissociáveis. Sem a diferença não há identidade (SILVA, 2000).

Logo, então, a construção da identidade cultural deve ser compreendida e analisada como um processo relacional de identidade e diferença, ou seja, por categoria conceitual que Lilian Giorges (1993) nomeou de “processo de identificação/diferenciação”.

Mesmo sabendo que na verdade o processo de identificação/diferenciação se dá de modo simultâneo; isto é, ao mesmo tempo em que um sujeito (individual ou coletivo) vai se identificando a algo, ele vai se diferenciando de outro; para facilitar a análise do projeto identitário de Leopoldo Zea, buscaremos, no primeiro momento, o processo de diferenciação e, depois, o processo de identificação.

Nas primeiras obras de Zea dos anos 50, o “outro” da América era a

Europa. Já na década de 40 e 50 do século passado, ele denunciava como a filosofia e a ciência européia haviam servido de justificação para o discurso de inferioridade da América. Para ele, o problema estava dado na utilização de idéias abstratas e próprias da cultura européia para avaliar outros povos. Por essa via, o homem europeu se considerava a essência do humano, e o mexicano, concomitantemente, o hispano-americano, estava fadado a ser uma eterna cópia imperfeita do europeu. Para Zea, Voltaire, Montesquieu, Hume, Reynal, De Pauw e outros homens do pensamento filosófico e da ciência européia sustentavam diversas idéias negativas sobre a América. Afirmavam a inferioridade dos animais, das plantas e do homem da América (ZEA, 1974, p. 63-67). E assim foi se construindo um discurso que validava a identidade de inferioridade da América, sobretudo, a América Latina, e justificava o projeto colonizador do Ocidente sobre o Novo Mundo.

Segundo Zea, o problema maior é que essa idéia de inferioridade inata ao homem hispano-americano acabou sendo incorporada pelo próprio hispano-americano. O projeto civilizatório de Domingos F. Sarmientos (1811-1888), por exemplo, afirmava a inferioridade inata dos índios, negros, espanhóis, como também da mistura desses elementos, o mestiço.

No entanto, aos poucos, na passagem da década de 50 para 60, no período da Guerra Fria, o outro da América Espanhola foi deixando de ser, no discurso identitário de Leopoldo Zea, a Europa, para se fazer cada vez mais nos EUA. Começou a aparecer a idéia de que havia duas Américas, uma saxônica e outra hispânica, ou latina. Ele começou a associar, cada vez mais, o projeto colonizador europeu-ocidental aos EUA. Esta era a nação que havia herdado e continuado as idéias e concepções de mundo pautado no exclusivismo das nações dominadoras.

Na verdade, desde 40 que se vinha gestando essa idéia de Zea de duas Américas. A viagem que ele realizou por toda a América lhe fez a diferença. Um episódio lhe chamou bastante a atenção: quando parou em uma rodoviária, ele se

deparou com a seguinte frase: “Não é permitida a entrada de cachorros, negros e mexicanos”. Isso despertou nele o processo de diferenciação com essa América.

Entretanto, foi em função das ações imperialistas dos Estados Unidos sobre vários países da América Espanhola no período da Guerra Fria, que Zea passou a denunciar, de modo mais forte, as ações exploratórias desse país sobre os demais. Para ele, a história de dominação e expropriação começou já em 1823, com o “América para os americanos”, depois se estendeu por 1898 com a tomada das ilhas espanholas no Caribe, no século XIX, com a apropriação das terras mexicanas e as ações imperialistas por quase toda a América Latina (ZEA, 1978).

Todavia, deve-se dizer que Zea não tinha uma visão monolítica sobre os Estados Unidos da América. Em muitas passagens de sua obra, ele também fazia elogios à nação do Norte. Acreditava que mesmo sendo uma nação marcada pelo signo da dominação, herdado da cultura européia-ocidental, havia também substanciais exceções na sua história política. Pensava que homens como Lincoln, Roosevelt, Kennedy e Clinton eram homens de tão altos ideais quanto Bolívar, José Martí, José Vasconcelos. Assim, não era a todos os EUA que ele se contrapunha, mas sim, aos EUA da dominação e opressão, do destino manifesto.

### **O processo de identificação: uma história e uma cultura comum**

Segundo Manuel Castells (1999, p. 23), toda identidade é construída, e nessa construção ela vale-se normalmente da matéria-prima fornecida pela história, geografia, linguagem, biologia, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

De tal maneira, partimos aqui do pressuposto de que o projeto identitário zeano pautou-se, sobretudo, em elementos fornecidos pela cultura e pela história. Isto é, foi sobre essas duas categorias imbricadas entre si que Leopoldo Zea definiu o que

estava dentro e o que estava fora do campo identitário latino-americano. Eram esses elementos que definiam o homem dessa América. A língua, a diversidade étnica, as fronteiras nacionais e outros fatores eram superados e incorporados pela perspectiva de uma história e uma cultura comum. Era na história e na cultura do povo hispano-americano que se deveria buscar seus elementos de integração e identidade.

Uma história marcada muito propriamente pela justaposição, dependência e marginalização, mas também caracterizada pela busca de superação e libertação dessas imposições e atitudes. Essas duas facetas eram parte do ser latino-americano, e como tal deveriam ser assimiladas como elementos de uma ação necessária para a afirmação do próprio ser dessa América. Tomar consciência dessa história era fazer parte de uma história maior da qual fazia parte toda a humanidade.

Do mesmo modo, a cultura tinha lugar especial na construção identitária zeana. Era a partir dessa teia de significados — para usar a proposição de Clifford Geertz (1989) — que Zea diferenciava o homem hispano-americano com relação ao homem ocidental e, em especial, o norte-americano. Se a cultura do Norte pós-independente fora marcada pela busca do exclusivismo e da dominação, a do Sul das fronteiras estadunidenses fora marcada pela busca da libertação e agregação da diferença. Noutros termos, se a cultura do Norte era marcada pela busca de pureza, da não-contaminação, da não-mestiçagem, a da América de colonização ibérica era marcada justamente por esses traços negados no Norte, isto é, pela mistura de culturas diferentes. Esse era um elemento singular da constituição cultural desse povo, um elemento que os unia, que lhes dava identidade.

## **Conclusão**

De um modo geral, pode-se dizer que o discurso identitário zeano ia contra qualquer forma de exclusão, ele buscava criar um humanismo filosófico que propunha

a idéia de que todos são iguais na diferença. Se a tradição filosófica ocidental afirmava que todos os homens são iguais por razão, ele afirmava que todos os homens são iguais por serem distintos. Se há algo que é comum a todos os seres humanos é que todos são diferentes, todos são iguais na diferença. Por isso, uns não poderiam ser considerados mais ou menos seres humanos que outros. Aquele que exigia respeito a sua peculiaridade humana deveria estar também disposto a respeitar a peculiaridade do outro, que nesse sentido era seu semelhante. Para ele, desse respeito há de derivar-se a autêntica paz, como expressão de uma nova relação entre os povos que não seja já a relação vertical de dependência e sim a relação horizontal de solidariedade.

## **Referências**

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIORGIS, Liliana. *El "hombre" en las fronteras de la "identidad"*. Córdoba, Argentina, mimeo, 1993. p. 1-6.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LARRAIN IBAÑEZ, Jorge. *Modernidad razón e identidad en América Latina*. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1996.



SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 95, p.119-126, out./ dez. 1988.

WOODWARD, Kethryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZEA, Leopoldo. *La filosofía como compromiso y otros ensayos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1952.

\_\_\_\_\_. *América en la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1957.

\_\_\_\_\_. *América Latina y el mundo*. Buenos Aires: EUDEBA, 1965.

\_\_\_\_\_. *La esencia de lo americano*. Buenos Aires: Pleamar, 1978.

\_\_\_\_\_. *América como conciencia*. México: Cuadernos Americanos, 1972.

\_\_\_\_\_. *Ibero-América 500 años después. Identidad e integración*. México: UNAM, 1993a.

\_\_\_\_\_. *Sentido y proyección de la conquista*. México: FCE, 1993b.